

# Paleografia

## E SUAS INTERFACES

Alicia Duhá Lose  
Livia Borges Souza Magalhães  
Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni  
(organizadoras)



ALÍCIA DUHÁ LOSE  
LÍVIA BORGES SOUZA MAGALHÃES  
VANILDA SALIGNAC SOUSA MAZZONI  
(Organizadoras)

# PALEOGRAFIA E SUAS INTERFACES

Volume 2

2021





## **Memória e Arte**

### **Diretora**

Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni

### **Conselho Editorial**

Maria da Glória Bordini (UFRGS)

Célia Marques Telles (UFBA)

Isabel Lousada (Univ. Nova de Lisboa)

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP)

Alícia Duhá Lose (UFBA)

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

Sandro Marcío Drumond Alves Marengo (UFS)

Fabiano Cataldo de Azevedo (UNIRIO)

## **FICHA TÉCNICA**

Projeto Gráfico e Diagramação: Livia Borges Souza Magalhães

P156 Paleografia e suas interfaces / Alícia Duhá Lose, Livia Borges Souza Magalhães, Vanilda Salignac Mazzoni, organizadoras. – Salvador : Memória & Arte, 2021.

v. : il. (algumas color.).

ISBN: 978-65-87693-03-3

1. Paleografia. I. Lose, Alícia Duhá. II. Magalhães, Livia Borges Souza. III. Mazzoni, Vanilda Salignac. IV. Título.

CDD 417.7 – 21. ed.



# HISTÓRIA DA PALEOGRAFIA: MOVIMENTO ENTRE A CIÊNCIA E A ARTE

Vanessa Martins do Monte  
Universidade de São Paulo

## PALAVRAS INICIAIS

Um dos temas mais relevantes, talvez o mais importante e sem dúvida a questão prévia de mais transcendência que se coloca em toda disciplina científica, é o do seu próprio ser, o de sua própria compreensão e o de sua própria delimitação. Voltar-se para dentro para escutar o pulso de seu fazer e de sua missão científica constitui um postulado implicativo de toda problemática que qualquer ciência tenha de resolver. (CONTRERAS, 1994, p. 15)

As reflexões que motivam a composição deste texto<sup>1</sup> surgem a partir do profícuo diálogo entre linguistas, paleógrafos e filólogos, roupagens que, por vezes, se acumulam

---

<sup>1</sup> Este texto, com algumas modificações, serviu de base à conferência proferida no II Seminário Nacional de Paleografia, em 21 de novembro de 2019, na Universidade Federal da Bahia. Foram acrescentadas nesta versão

num mesmo indivíduo, acerca do fazer paleográfico. O texto em epígrafe constitui o parágrafo de abertura do *Manual de Paleografia*, de Contreras, e explicita o comum e necessário questionamento acerca do âmago da Paleografia<sup>2</sup>. É, por assim dizer, um recorte dessa transcendência que se pretende discutir neste texto. Não há aqui, como verão, nenhuma grande novidade teórica ou metodológica. Apenas pretende-se refletir, por meio do diálogo com obras renomadas da área e textos de menor circulação, sobre o sentido simultaneamente científico e artístico do fazer paleográfico. Além dessa reflexão, pretende-se contribuir com a difusão em território nacional de uma periodização mais acertada e consensual da história da Paleografia, ou do que poderíamos chamar de historiografia paleográfica.

O questionamento sobre o estatuto científico da Paleografia está ligado a algumas razões, como o seu lugar histórico de disciplina auxiliar, o contexto de seu surgimento e ainda a identificação indesejada entre Paleografia e 'Paleografia de Leitura'<sup>3</sup>. Sabemos que uma pergunta importante dentro de determinada área do conhecimento raramente é feita por uma 'única' voz. Assim, a questão que se coloca sobre a capacidade de a Paleografia produzir de fato conhecimento científico surge tanto nas aulas e oficinas sobre o tema, pela voz dos discentes, quanto nas comunicações em eventos da área de Letras & Linguística, na voz dos pares acadêmicos.

Canart, em 2006, publicou um artigo intitulado justamente *La paléographie est-elle un art ou une science?*, que poderia ser traduzido por "A Paleografia: é uma arte ou uma ciência?". O título do artigo comprova que tanto a pergunta não se faz sozinha quanto não se circunscreve à determinada região. Na advertência preliminar, o autor anuncia que o texto é fruto de uma conferência proferida três vezes por ele, entre 1996 e 1997, e que, a par

---

algumas reflexões adicionais, bem como se adaptou, em certa medida, o caráter oral da conferência às convenções da escrituralidade, que caracteriza esse modo de circulação das ideias.

<sup>2</sup> Opta-se neste texto pelo uso de Paleografia com maiúscula inicial, seguindo a tradição dos manuais espanhóis sobre o tema.

<sup>3</sup> A diferenciação entre a 'Paleografia de Leitura' e a 'Paleografia de Análise' é proposta por Sáez e Castillo (2004) e reflete uma divisão didático-funcional bastante comum da Paleografia enquanto disciplina universitária.

da introdução de notas e da atenuação de seu caráter oral, fez poucas modificações no texto original.

Gostaríamos aqui de dialogar com este texto de Canart (2006) e refletir sobre o estatuto ao mesmo tempo científico e artístico da Paleografia, verificando o que se ganha ao alçar a Paleografia à autonomia que caracteriza e funda uma área de estudos científicos. Para isso, começaremos pela apresentação de uma proposta de periodização da história da Paleografia. Alertamos para o fato de que tal proposta não é inédita, sendo, aliás, bastante consensual junto à comunidade acadêmica internacional. Consideramos importante sua divulgação neste texto pelo fato de a periodização mais comum em estudos nacionais ser aquela de Berwanger e Leal (2008), que indicam apenas duas fases em que se subdividiria a historiografia paleográfica.

Após a apresentação dessa proposta de periodização, trataremos da relação evidente entre a arte e a Paleografia e discutiremos o estatuto de ciência conferido à Paleografia.

## OS PERÍODOS DE DESENVOLVIMENTO DA PALEOGRAFIA: POR UMA HISTORIOGRAFIA PALEOGRÁFICA

Há grande consenso entre os paleógrafos sobre uma divisão da história da Paleografia em quatro períodos. Ainda que a denominação de cada período varie, sua delimitação temporal costuma coincidir. É fundamental levarmos em conta essa quadripartição, uma vez que, como já dissemos, uma das obras que mais circula no Brasil sobre o tema, a de Berwanger e Leal (2008), divide-a em apenas dois períodos: o período de formação (fins do século XVII a 1750) e o período de afirmação (de 1751 aos dias atuais). Os quatro períodos e seus limites cronológicos poderiam ser assim sumarizados:

Quadro 1 – Periodização da História da Paleografia

<b>Períodos</b>	<b>Datação</b>
Pré-história da Paleografia	séc. I EC até 1681

Período de formação	de 1681 a 1750
Período de desenvolvimento	de 1750 a 1938
Período de renovação	de 1939 aos dias atuais

Fonte: a autora.

Os antecedentes dos estudos paleográficos remontam, segundo Martínez (1988), ao século I da era comum (EC), quando Tiron compõe um sistema taquigráfico de escrita, conhecido pelo nome de *Notas tironianas*. Esse sistema provocou o desenvolvimento imediato de um sistema de decifração e leitura das notas taquigráficas. Martínez (1988, p. 45, tradução nossa) nota que

[...] [a] partir de então e até o século XVII não cessará a produção de tais obras pré-paleográficas, para chamá-las de algum modo, com títulos que giram quase sempre em torno da palavra Notas (*Notæ*) ou Abreviaturas (*Abbreviationes*) cujo significado – o das duas palavras – é idêntico, a saber: resumo, compêndio, redução de uma sílaba, de uma palavra ou de uma frase que se condensa em determinados signos ou figuras, ocupando um espaço pequeno e menor, naturalmente, que aquele que ocuparia a frase ou a sílaba ou a palavra inteira. Assim temos, no século III, as *Notæ iuris*, cujo uso seguirá aumentando, até chegar a seu apogeu na baixa Idade Média e começos da Idade Moderna [...].

Martínez (1988) comenta que as denominações sobre essa fase que antecederia o surgimento da Paleografia costumam variar: ‘Paleografia empírica’, ou ‘arte paleográfica’, ou ainda ‘pré-história da Paleografia’<sup>4</sup>.

Ainda que se tenham desenvolvido métodos e sistemas mais ou menos elementares para a leitura e decifração de objetos escritos antes da segunda metade do século XVII, o surgimento da Paleografia como disciplina cultural e científica está associado ao trabalho do monge beneditino Jean Mabillon. Em 1681, ele publica uma obra intitulada *De Re Diplomatica Libri VI In Quibus Quidquid Ad Veterum Instrumentorum antiquitatem, materiam, scripturam, & stilum, quidquid ad sigilla, monogrammata, subscriptiones, ac notas chronologicas, quidquid inde ad antiquariam, historicam, forensemque disciplinam pertinet, explicatur &*

<sup>4</sup> Recomenda-se também a leitura de Contreras (1994, p. 57-58 e p. 107-157) sobre os antecedentes da Paleografia. O autor centra-se, sobretudo, na necessidade da leitura correta das palavras abreviadas, o que motivou a organização de listas e dicionários de abreviaturas desde o século I EC.

*illustratur: accedunt commentarius de antiquis regum Francorum palatiis: veterum scripturarum varia specimina, tabulis LX comprehensa. Nova ducentorum, & amplius, monumentorum collectio*<sup>5</sup>.

Conforme apontado por diversos autores (CONTRERAS, 1994; SÁEZ e CASTILLO, 2004; CAMBRAIA, 2005; BERWANGER; LEAL, 2008), a obra, ainda que não contenha o termo 'palæographia', assinala o início de um estudo sistematizado sobre os tipos de escrita<sup>6</sup>. Mabillon passou seis anos preparando a obra como resposta à publicação do jesuíta Daniel van Papenbroeck *Propylaeum Antiquarium circa Veri ac Falsi Discrimen in Vetustis Membranis*, vinda à lume em 1675<sup>7</sup>.

Conforme Contreras (1994), o último quartel do século XVII assiste a uma grande polêmica entre estudiosos jesuítas bolandistas de Amberes (Anvers) e beneditinos maurinos de Paris. O cerne da disputa ligava-se à crítica de documentos. A publicação de Papenbroeck constituía-se de uma dissertação em forma de prólogo para o segundo tomo da obra de conteúdo hagiográfico *Acta Sanctorum*<sup>8</sup>. A crítica, no fundo, resultou numa atitude hipercrítica, já que o jesuíta “qualificou de falsos documentos pontifícios e dos reis

---

<sup>5</sup> A obra pode ser consultada no seguinte endereço eletrônico: <http://www.starodruki.ihuw.pl/stWeb/single/210/> O título pode ser traduzido como: *6 livros sobre a diplomática nos quais se explica e ilustra o que pertence ao passado dos instrumentos antigos, à matéria, à escritura e ao estilo; o que [pertence] aos sinetes, aos monogramas, às subscrições, e às notações cronológicas; o que [pertence] até à disciplina antiquária (transcrição de manuscritos): ocorre que, histórica, abordam o comentário sobre os palácios antigos dos reis Francos: várias amostras das antigas escrituras, compreendidas em 60 tábuas. Uma coleção de 200 e poucos monumentos.* Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marly de Bari Matos (FFLCH-USP) pela proposta de tradução do título da obra.

<sup>6</sup> A atribuição do surgimento da Paleografia a Jean Mabillon não é consenso entre os estudiosos. Gomes (2018, p. 288), por exemplo, afirma que “[m]uitos historiadores remetem a D. Jean Mabillon a paternidade da Paleografia como ciência. Não é, na verdade, muito exato afirmá-lo”, porque sua paternidade seria devida a Montfaucon, que cunhou o termo.

<sup>7</sup> O título poderia ser traduzido por *Antiga introdução para a discriminação entre o verdadeiro e o falso nos pergaminhos antigos.* Agradeço ao Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, com quem discuti brevemente essa tradução. Eventuais erros são de minha inteira responsabilidade.

<sup>8</sup> Segundo Delumeau (2007, p. 1599, tradução nossa), “Mabillon foi encarregado de preparar uma edição das obras de São Bernardo que aparece em 1667. [...] Luc d’Achery pediu-lhe que trabalhasse na ‘Vida dos santos da ordem beneditina’. Tratava-se de fazer as correções aos *Acta sanctorum* que os bolandistas de Anvers – os jesuítas – haviam começado a editar em 1643, sendo os santos classificados pela data em que são honrados. Esses *Acta* pareciam, para Luc d’Achery, conter erros. Os dois monges então tomaram uma série de decisões: basear apenas nos atos autênticos, respeitar os originais, recolocar em seu verdadeiro lugar cronológico os santos que haviam morrido antes de São Bento e não acrescentar à ordem os monges sobre os quais não se tivesse certeza se haviam conhecido e praticado a regra beneditina”.



merovíngios expedidos em favor da abadia beneditina de Saint-Denis” (CONTRERAS, 1994, p. 59, tradução nossa).

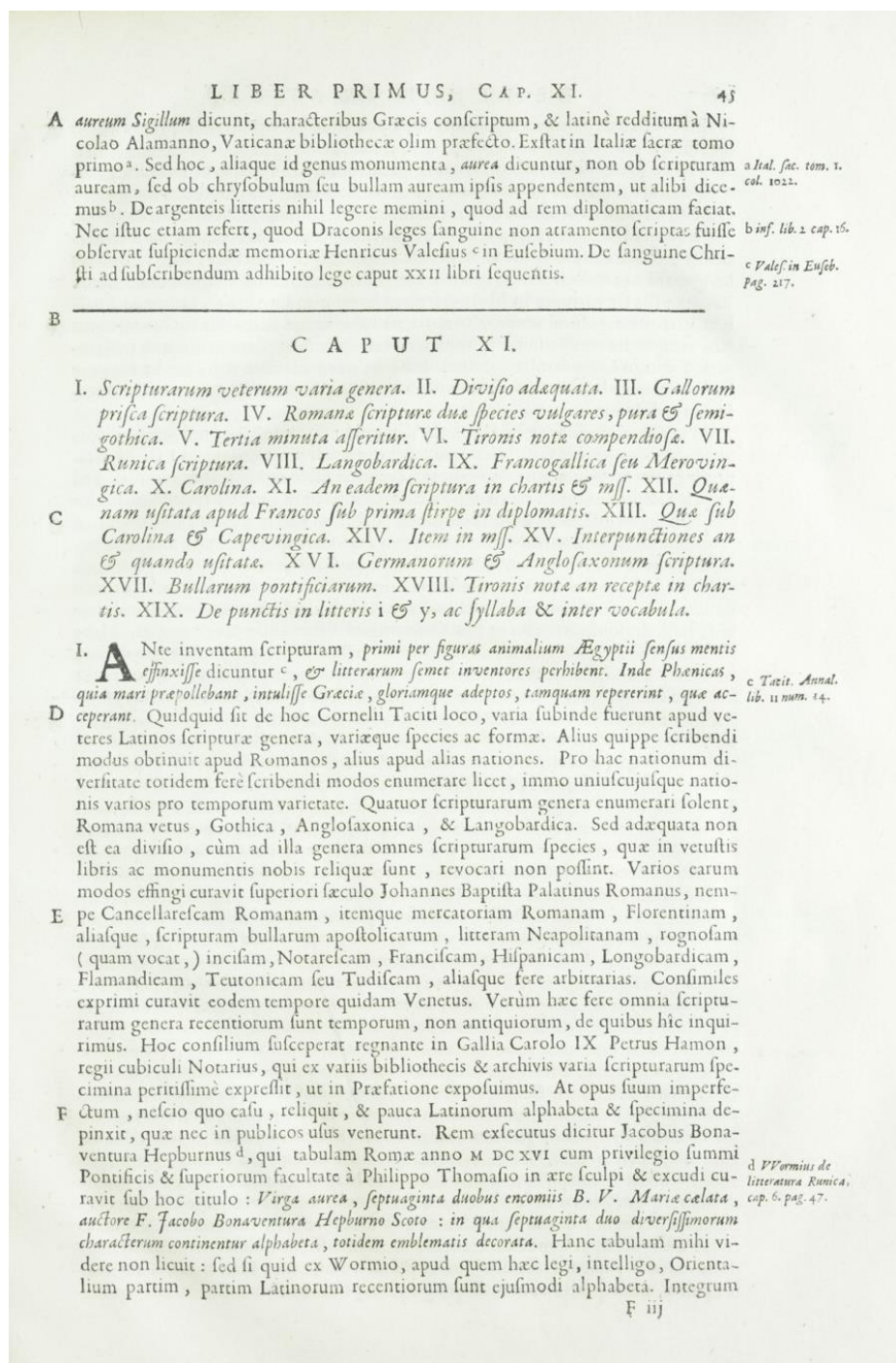
Convém reproduzir uma citação de Boüard (1924, p. 133 *apud* CONTRERAS, 1994, p. 58, tradução e grifo nossos) sobre o espírito erudito e crítico do humanismo renascentista:

Corriam os humanistas pela Europa em uma febre de descobrimento de manuscritos antigos, cuja leitura e fixação do texto produzia furiosas polêmicas. Nesta virulenta emulação, que merece ser destacada, estabeleceu-se a primeira condição do *processo científico* que ocorrerá depois. Mas essas polêmicas não são suficientemente violentas para despertar uma completa inquietude. De Erasmus foi possível escrever que era um novato em Paleografia.

Mabillon, que já fazia investigações documentais na equipe do beneditino Gregoire Tarris, publica sua obra como uma espécie de resposta às acusações de Papenbroeck. Tal obra foi responsável por estabelecer “as bases científicas da Diplomática e o papel *auxiliar* da Paleografia em relação à crítica documental” (CONTRERAS, 1994, p. 59, tradução nossa). Seu propósito não era escrever um tratado de Paleografia,

[...] os resultados consistiram mais como um conjunto de observações fundamentais distribuídas em vinte parágrafos e esses em várias questões relacionadas à distribuição geográfica na Europa ocidental dos diferentes tipos de escrita, à sua distinção, ao uso de escrituras em documentos e em códices e a “subsídios paleográficos”, como abreviaturas e sinais de pontuação. Sua contribuição mais significativa foi a distinção (anteriormente ensaiada, mas sem ser operacional) entre a escritura librária e a escritura documental e a classificação da librária em gótica, saxã, longobarda e merovíngia, considerando-as como formas independentes e autóctones em relação à escritura romana. As escrituras saxã e longobarda foram diferenciados antes de Jean Mabillon, mas a fixação da merovíngia se deve a ele, bem como a concepção de que a carolina teve sua origem no tempo de Carlos Magno a partir da merovíngia com influências romanas. (CONTRERAS, 1994, p. 60, tradução nossa)

Na página a seguir está disposto o fac-símile da primeira página do capítulo XI do livro I da obra monumental de Mabillon. Pelo índice de matérias do capítulo, revela-se como o estudioso apresentou um conhecimento sistematizado, que anteciparia as bases para um método rigoroso desenvolvido pela Paleografia.

Figura 1 – Fac-símile da p. 45 da obra *De Re Diplomatica*, de Jean Mabillon

Fonte: Mabillon (1681).

A obra de Mabillon é recebida com admiração, inclusive pelo próprio Papebroeck.

Segundo Delumeau (2007, p. 1600, tradução nossa), o jesuíta escreve:

Confesso que não tenho outra satisfação em ter escrito sobre esse assunto do que ter lhe dado a oportunidade de compor um trabalho tão bem realizado. Não fique

envergonhado e, sempre que tiver a oportunidade, diga publicamente que estou inteiramente de acordo com você.

Delumeau (2007) prossegue relatando que a obra tornou Mabillon célebre do dia para a noite, tendo sido apresentado como ‘o homem mais sábio do reino’ ao Rei Luís XIV. Esse epíteto, inclusive, dá título ao seu artigo. Ao beneditino foi oferecida uma pensão de duas mil libras, que ele negou dizendo: “O que podem pensar de mim se, sendo pobre e nascido de pais pobres, eu procurasse na religião aquilo que eu não teria esperado na vida secular?” (DELUMEAU, 2007, p. 1600, tradução nossa).

Bernard de Montfaucon, também monge beneditino maurino, publica em 1708 a obra *Palæographia Græca sive de ortu et progressu literarum græcarum, et de variis omnium sæculorum Scriptionis Græcæ generibus: itemque de Abbreviationibus & de Notis variarum Artium ac Disciplinarum*<sup>9</sup>. A publicação introduz o termo ‘palæographia’ e é o primeiro livro a abordar exclusivamente o tema. Ainda que se concentre apenas na escritura grega, Martínez (1988, p. 47, tradução nossa) adverte para o fato de que o método desenvolvido por Montfaucon tem

[...] aplicações gerais para o estudo gráfico de quaisquer séries de manuscritos, com base no estabelecimento de listas daqueles mais característicos, escritos em data conhecida; e tirando dessas listas critérios razoáveis tanto para a classificação das escrituras no tempo e no espaço como para explicar a evolução dos elementos gráficos que concorrem para a formação delas.

Um terceiro nome a ser lembrado no *período de formação* da Paleografia é o do erudito Scipione Maffei, que, segundo Martínez (1988, p. 47, tradução nossa), “vem a completar o triunvirato fundacional da Paleografia como ciência auxiliar da história”. Maffei descobriu em 1713 uma valiosa coleção de códices latinos na biblioteca catedral de Verona. Essa descoberta marca o início dos estudos sobre Paleografia Latina, que não havia sido abordada por Mabillon ou Montfaucon. De acordo com Martínez (1988), em sua

---

<sup>9</sup> Uma reprodução digital do livro pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1041709q/f7.image> Uma tradução possível para o título seria: *Paleografia Grega ou da origem e desenvolvimento das letras, e dos diversos gêneros de escritura grega de todos os tempos: assim como de Abreviaturas e notas de várias Artes e Disciplinas*.

*Istoria Diplomatica che serve d'introduzione all'arte critica in tal materia*<sup>10</sup>, de 1727, Maffei disserta sobre como a escritura romana não mudou substancialmente ao ser empregada pelos povos que se assentaram nos locais que antes constituíam os domínios e as províncias de Roma. Sáez e Castillo (2004) acrescentam que Maffei amplia o conceito de Paleografia na medida em que ele passa a entendê-la como história da escritura, e não apenas como classificação de escrituras, conforme fizeram Mabillon e Montfaucon.

Esse período de surgimento da Paleografia enquanto disciplina científica costuma ser chamado de 'período de formação' (BERWANGER; LEAL, 2008) ou 'período fundacional' (MARTÍNEZ, 1988). É importante destacar dois aspectos, considerando o lugar da disciplina no período: por um lado, a Paleografia surge como auxiliar da Diplomática e da Historiografia, entendida como crítica de fontes textuais, e assim permanece por um bom tempo; por outro, a forma orgânica e as estruturas que a caracterizam desde seu surgimento são o que permitem que ela seja considerada uma disciplina científica. Inclusive Martínez (1988) utiliza também o termo 'Paleografia científica' para designar tal período<sup>11</sup>.

O período subsequente, denominado *período de desenvolvimento*, cobriria os anos de 1750 a 1938. Martínez (1988) ainda o subdivide em três subperíodos: tradicional (1750-1869), moderno (1869-1900) e contemporâneo (1900-1939). A subdivisão refere-se a publicações importantes na área: como o primeiro tomo do *Nouveau Traité de Diplomatie* (*Novo Tratado de Diplomática*), vindo à lume em 1750 e preparado por Charles Toustain e René Tassin, monges beneditinos maurinos, e o livro de Wilhelm Wattenbach, *Anleitung zur Lateinischen Paläographie* (*Manual de Paleografia Latina*), publicado em 1869. Cabe comentar que o *período de desenvolvimento* da Paleografia se caracteriza por uma ampla e vicejante produção bibliográfica sobre o tema.

---

<sup>10</sup> Uma reprodução digital da obra pode ser acessada por meio do seguinte endereço eletrônico: <https://archive.org/details/istoriadiplomati00maff>. O título poderia ser traduzido como *História Diplomática que serve de introdução à arte crítica em tal matéria*.

<sup>11</sup> Cabe destacar que, diferente de Martínez (1988), Sáez e Castillo (2004) usam a expressão 'Paleografia científica' apenas para as primeiras décadas do século XX, quando, segundo os autores, a Paleografia abre caminho para converter-se em uma verdadeira ciência autônoma.

A Paleografia continua caminhando ao lado da Diplomática e da Historiografia na condição de auxiliar. É nos tratados de Diplomática que a análise das escrituras antigas será abordada como um instrumento de Crítica Textual. O método continua sendo classificatório, com o objetivo de dividir, subdividir e nomear os grupos de letras. A partir de 1869, identifica-se um avanço bastante grande no campo da Paleografia, marcado pela publicação do Manual de Wattenbach do mesmo ano, como já referido, mas também pela obra de 1871 de sua autoria: *Das Schriftwesen im Mittelalter (A Escritura na Idade Média)*<sup>12</sup>.

A criação de sociedades e instituições para a pesquisa histórica é profusa no período, com destaque para a *Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde (Sociedade para o conhecimento da antiga história alemã)*, de 1819, e para a *École Royale des Chartes*<sup>13</sup>, em 1821. Inicia-se e generaliza-se, assim, o ensino de Paleografia, em centros especializados e também nas universidades. Com isso, começam a surgir revistas e publicações periódicas dedicadas ao tema (MARTÍNEZ, 1988).

Além dos monumentos gráficos propriamente ditos, passam a interessar aos paleógrafos o ambiente em que esses monumentos são produzidos. Segundo Martínez (1988, p. 50, tradução nossa), a história da escritura passa a ser uma parte da história da civilização, por isso “o feito gráfico será interpretado em função de um especial sentido histórico”. Um dos pioneiros desse novo enfoque é Ludwig Traube, da Universidade de Munique, considerado o primeiro a observar a Paleografia a partir do campo da Filologia e dos estudos da linguagem. Segundo Sáez e Castillo (2004, p. 23), ao colocar a Paleografia em relação com a história da cultura, Traube marca o nascimento da ‘Paleografia científica’, que para Martínez (1988) teria ocorrido muito antes, já no período de formação. No início do século XX, a Paleografia começa a ganhar uma nova dimensão: a de ciência da escritura, sendo a escritura entendida como um grande fenômeno cultural e humano (MARTÍNEZ, 1988).

---

<sup>12</sup> As datas das primeiras publicações das obras de Wattenbach constam de sua biografia disponível no *website* da Universidade Humboldt de Berlim: <https://www.lautarchiv.hu-berlin.de/en/objekte/-/16683/>. As datas das edições príncipes diferem daquelas apresentadas por Martínez (1988).

<sup>13</sup> Denominada atualmente *École Nationale des Chartes*, sua história pode ser encontrada no seguinte endereço: <http://www.chartes.psl.eu/fr/rubrique-ecole/institution-au-service-histoire-du-patrimoine-1821>

Um nome importante do *período de desenvolvimento* é o de Luigi Schiaparelli, discípulo de Traube, a quem se deve

[...] a formulação de alguns conceitos e princípios teóricos que estão na base da investigação paleográfica mais moderna, especialmente os que assinalam a importância das tendências gráficas na evolução da escritura, a teoria sobre o desenvolvimento espontâneo e intrínseco das formas gráficas ou a ideia da escritura como um feito global. (PETRUCCI, 1988, p. 30 *apud* SÁEZ E CASTILLO, 2004, p. 23, tradução nossa).

Antes de alcançar o estatuto de ciência autônoma, Sáez e Castillo (2004) afirmam que a Paleografia se desenvolveu bastante durante as primeiras décadas no século XX, debruçando-se sobre diversos problemas em aberto. Marca o fim do *período de desenvolvimento* e o início do *período de renovação* a publicação de Jean Mallon, Robert Marichal e Charles Perrat, da conhecida escola franco-belga, intitulada *L'écriture latine de la capitale romaine à la minuscule* (*A escritura latina da capital romana à minúscula*), de 1939.

A obra mais famosa de Mallon, *Paléographie Romaine* (*Paleografia Romana*), de 1952, fixa as novas teorias desenvolvidas pela escola e consagra seu autor, bem como o sistema e o método por ele apresentados. Já no Prefácio do livro, Mallon comenta sobre a necessidade de uma definição mais larga e mais precisa de Paleografia do que aquela definição quase etimológica de “ciência das escrituras antigas”. O autor escreve que

[...] a paleografia tem como objeto de estudo não apenas as escrituras, mas ainda o conjunto de caracteres externos de todos os monumentos, sem nenhuma exceção, que carregam os textos, inscrições de toda sorte, papiros, pergaminhos, tábuas de cera etc., estudo que não deve deixar de explorar acessoriamente, e em toda a extensão útil, os dados fornecidos pelos caracteres internos. A paleografia, em suma, deve se ocupar dos monumentos gráficos de toda natureza, e em cada caso, de uma maneira total. (MALLON, 1952, p. II)

A evolução da disciplina está intrinsecamente associada às novas correntes historiográficas, que “trataram o fenômeno da escritura a partir de pontos de vista inéditos”. Segundo Sáez e Castillo (2004, p. 26, tradução nossa),

[...] [e]sta renovação foi incentivada e favorecida pelos avanços experimentados pela ciência histórica ao longo do presente século [XX] e, especialmente, pelos novos problemas que se formularam em uma década tão agitada como a dos anos

sessenta. Deve-se lembrar que foi então que a segunda geração de *Annales* – criadora de novos temas de pesquisa (mentalidades, vida privada, mulheres, livro e leitura) – tomou forma e a ‘Escola Marxista Britânica’ teve seu desenvolvimento. Nesse contexto, a Paleografia, ou certos paleógrafos, também explorou outras possibilidades e insistiu de forma mais nítida nas relações estabelecidas historicamente entre a escritura e a sociedade. Coincidindo com essas transformações epistemológicas da história e a emergência dos estudos sobre alfabetismo e cultura escrita (literacia), a escritura começa a ser pensada e estudada como algo além de um sistema ordenado de signos gráficos. Converte-se, assim, em uma fonte histórica por si e em si mesma, de modo que estudando sua função, seu uso e sua difusão em cada momento histórico seja possível alcançar um conhecimento mais integral do passado.

O período de renovação da Paleografia é marcado pela ampla contribuição de Armando Petrucci. Às perguntas “o quê, como, quando e onde”, que caracterizavam a pesquisa paleográfica até então, o paleógrafo italiano acrescenta duas perguntas fundamentais sobre a função e a identidade dos escribas: por que se escreve e quem escreve. Como afirmam Sáez e Castillo (2004, p. 26, tradução nossa), “a tendência que nascia nesse momento significava uma ‘revolução’ do tradicional método paleográfico de tendência erudito-positivista”. Assim, passam a ser centrais os estudos sobre as práticas de escrita, invertendo o movimento até então habitual de partir-se das formas gráficas para fazer correspondê-las às manifestações culturais. Passa-se a tomar como ponto de início da investigação a função que uma dada sociedade atribui às práticas escritas, realizando-se estudos sobre a literacia antes de analisar o conteúdo das suas relações com as formas gráficas produzidas nessa sociedade (PETRUCCI, 1969; 1992 *apud* SÁEZ; CASTILLO, 2004).

As escritas usuais e elementares começam a interessar aos estudos paleográficos, que deixam de se concentrar apenas nos escritos das classes sociais detentoras de poder. As classes subalternas e periféricas constituem, desde então, legítimos objetos de estudo. Como representativo dessa guinada na ciência paleográfica, podemos citar, no mundo lusófono, as iniciativas de Rita Marquilhas, que publicou em 2000 uma obra sobre as práticas de escrita na sociedade portuguesa do Antigo Regime, concentrando-se nos escritos de homens e mulheres comuns, com pouca familiaridade com a escrita. Da mesma pesquisadora é a iniciativa mais recente da constituição de um grande *corpus* eletrônico de

escritos cotidianos intitulado *P.S. Post Scriptum – Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna*<sup>14</sup>.

Motivação semelhante está no cerne da concepção do Projeto Mulheres na América Portuguesa<sup>15</sup> – M.A.P., que tem por objetivo o levantamento e a catalogação de documentos escritos por mulheres e documentos escritos sobre mulheres entre 1500 e 1822 no Brasil e no espaço atlântico português. Levanta-se um conjunto de fontes cuja escassez é inversamente proporcional à sua importância, uma vez que, no caso das mulheres que foram autoras materiais de documentos, é possível estudar suas práticas de escrita, contribuindo com os estudos sobre a história social da cultura escrita na América Portuguesa. A carta de Anna Maria Cardoso, violentada e abusada por pai e irmãos, escrita em 1765 de próprio punho pela mulher, moradora da vila de Atibaia, representa o marco inicial do projeto<sup>16</sup>.

Constitui importante iniciativa de renovação no campo da Paleografia o desenvolvimento de projetos de pesquisa na área da Paleografia Digital. Revela-se extremamente profícua a associação entre as Humanidades Digitais<sup>17</sup> e a Paleografia.

Nesse ponto, gostaríamos de reproduzir um dos questionamentos que motivaram a reflexão de Canart (2006) sobre o estatuto científico ou artístico da Paleografia. Trata-se da questão proposta pelo renomado paleógrafo alemão Bernhard Bischoff, que tomamos a liberdade de traduzir: “Graças ao desenvolvimento de meios técnicos, a paleografia, arte de observação e de intuição, está em vias de se tornar arte do mensurável<sup>18</sup>” (CANART,

---

<sup>14</sup> O *corpus* pode ser acessado por meio do seguinte endereço eletrônico: <http://ps.clul.ul.pt/pt/index.php?action=home>

<sup>15</sup> O *website* do Projeto M.A.P. é <http://map.prp.usp.br/>. Também se pode acompanhar o Projeto M.A.P. pelas redes sociais: @map\_usp (Instagram), @projeto\_map (Twitter) e <https://mapusp.hypotheses.org/> (Blog acadêmico). O Projeto é coordenado pela autora deste texto e por sua colega, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Clara Paixão de Sousa (FFLCH-USP).

<sup>16</sup> A ficha de Anna Maria Cardoso no Catálogo M.A.P. pode ser acessada por meio do *link*: [http://map.prp.usp.br/MAP=Fichas.html#\[AA|008|AMC\]](http://map.prp.usp.br/MAP=Fichas.html#[AA|008|AMC])

<sup>17</sup> Sobre uma discussão mais ampla acerca do conceito de Humanidades Digitais e das pesquisas desenvolvidas nesse âmbito, consultar Fiormonte, Numerico e Tomasi (2015).

<sup>18</sup> Por ‘arte do mensurável’, Bischoff pretende se referir às pesquisas em Paleografia que costumam fazer medições dos grafemas, sobretudo aqueles medievais. Sabe-se que o avanço das ferramentas computacionais propiciou o desenvolvimento de programas e aplicativos sofisticados na área de medição, tanto do ângulo, quanto do peso e do módulo dos signos gráficos.



2006, p. 159). Longe de questionarmos a legitimidade da preocupação exposta pela pergunta de Bischoff, convém destacar que a utilização e o desenvolvimento de ferramentas computacionais não necessariamente retiram as dimensões de observação ‘a olho nu’ e de intuição do fazer paleográfico; ao contrário, a aliança entre as formas de fazer, uma mais tradicional e uma mais computacional, produz inegavelmente uma evolução em determinado campo de estudos. Essa discussão deixa transparecer que, acompanhando o senso comum, mesmo a academia sofre com a insistência na ideia de ‘substituição’ de uma teoria ou de uma metodologia por outra. A ideia de ‘substituir’ aproxima o fazer científico de uma certa visão mercadológica. Seria mais produtivo se pudéssemos lidar com as ideias de aliança, complementariedade e associação entre novas e antigas teorias e metodologias. Certamente, essa mudança de perspectiva valorizaria muito mais o desenvolvimento de novos construtos teóricos e metodológicos no fazer científico, que é necessariamente coletivo e plural.

A Paleografia Digital apresenta, a nosso ver, uma vertente científica e uma vertente pedagógica. Em sua vertente científica, contam-se inúmeros projetos de digitalização e posterior organização digital de informações a comporem um inventário buscável eletronicamente de tipos de escrita em diferentes épocas. Como exemplo, pode-se citar o DigiPal<sup>19</sup>, projeto desenvolvido pelo King’s College London, em que, para além de se pesquisar os sistemas de escrita medieval frequentes sobretudo na área da Grã-Bretanha entre os séculos X e XI, permite que o consulente interaja com os dados ali armazenados, criando, por exemplo, um repositório pessoal de tipos caligráficos, com possibilidade de fazer anotações em cada grafema ou alógrafo selecionados.

Na vertente pedagógica, pode-se citar o *Album interactif de paléographie médiévale* (*Álbum Interativo de Paleografia Medieval*), uma iniciativa francesa, da Universidade de Lyon, que permite um treino *online* em Paleografia de Leitura.<sup>20</sup> Os manuscritos digitalizados e à disposição dos consulentes para os exercícios são categorizados por

---

<sup>19</sup> O Projeto DigiPal pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.digipal.eu/>.

<sup>20</sup> O Álbum pode ser acessado por meio do seguinte endereço eletrônico: <http://paleographie.humanum.fr/index.php?>

período (indo do séc. IX aos manuscritos modernos), níveis de dificuldade e língua (latim, francês, italiano, árabe e occitano).

A vertente pedagógica da Paleografia, tanto em âmbito analógico quanto em âmbito digital, tem a se beneficiar com uma distinção essencial proposta por Canart (2006): a distinção entre o ato de escritura e o resultado material desse ato. Ao primeiro corresponderia a dimensão dinâmica do complexo ato de escrever em seus múltiplos aspectos e condicionamentos. Ao segundo, liga-se a dimensão estática, equivalente à sequência de formas, ou signos gráficos, criados sobre o suporte.

Um estudante de Paleografia deve ser levado a entrever, partindo da dimensão estática, a dimensão dinâmica do ato de escrever. Defendemos que a reconstrução virtual da terceira dimensão da escrita, ou seja, dos movimentos do punho e do instrumento de escrita sobre o suporte são essenciais para o desenvolvimento das atividades relacionadas à Paleografia de Leitura. Por isso, torna-se importante lançarmos mão de expedientes que provoquem o discente no sentido dessa reconstrução. Um desses expedientes é o uso de bicos de penas metálicas e de ave em oficinas de Paleografia, levando os alunos a experimentarem a escrita com esses instrumentos, de modo a vivenciarem e a resgatarem a complexidade do ato de escrita. Central nessa atividade prática é estabelecer a relação com a teoria paleográfica malloniana, levando-os a verificarem empiricamente alguns conceitos paleográficos centrais, como o de *ductus*, ângulo e peso<sup>21</sup>. Outro expediente que tem se mostrado muito relevante é o uso de uma caneta digital, que simula a escrita de uma pena, combinada a uma mesa digital, o que permite que sejam retraçados signos gráficos por sobre documentos digitalizados, possibilitando que os alunos avaliem, sobretudo, o *ductus* e o peso da escrita manuscrita original. Mencione-se o curso de verão ministrado recentemente na USP intitulado *Da pena de ave à pena digital: a contribuição das*

---

<sup>21</sup> Os bicos de pena metálica vêm sendo constantemente utilizados nas Oficinas de Paleografia ministradas pelos docentes vinculados ao ETeP – Edição de Textos em Português (<http://etep.fflch.usp.br/>) da USP, associados ao NEHiLP – Núcleo de Etimologia e História da Língua Portuguesa (<https://nehilp.prp.usp.br/>). A ideia do uso de bicos de pena metálica em sala deve-se à mestrandia do Programa de Filologia e Língua Portuguesa da USP, Regina Jorge Villela Haury.

*Humanidades Digitais ao ensino de Paleografia*<sup>22</sup>. No curso, os discentes experimentaram a escrita com a pena de ave, a pena metálica e a pena digital, essa última por meio do uso de uma mesa digital<sup>23</sup>.

O desenvolvimento da Paleografia Digital traz, a nosso ver, um ganho imenso para o *período de renovação* da Paleografia. Passemos agora à discussão sobre o lugar da Paleografia como arte e como ciência.

## A PALEOGRAFIA COMO ARTE

Canart (2006) destaca o fato de que, em seu *período de formação*, a Paleografia está mais ligada à arte. A arte é por ele entendida como um

[...] ‘conjunto de meios, de procedimentos que visam a um certo fim’. Esses meios, ou nós os dominamos ‘pelo efeito de aptidões naturais’ ou nós os adquirimos pela aprendizagem de regras metódicas, próprias a essa ou outra arte. A arte, eu concluo, é antes de tudo, um *savoir-faire*. (CANART, 2006, p. 163, tradução nossa)

Se levarmos em conta que os estudos da época de Mabillon e Montfaucon tinham como objetivo “adquirir a capacidade, a habilidade de ler um texto, de decifrá-lo” (CANART, 2006, p. 164, tradução nossa), a Paleografia se aproxima imensamente do conceito de arte como um *savoir-faire*.

Ocorre, porém, que, quando a Paleografia é tomada simplesmente como uma arte, “ela não é nem fundamentada nem comunicável” (CANART, 2006, p. 165, tradução nossa). Há um exemplo muito interessante a ilustrar essa questão trazida por Canart (2006, p. 165), que traduzimos a seguir:

O patriarca de Constantinopla em meados do século XV, Georges-Gennade Scholarios, escreveu bastante, em dois sentidos do termo, ou seja, ele compôs algumas obras e muitas vezes as copiou, passando-as a limpo de próprio punho. Essa escrita é difícil, muito difícil de ler. O maior especialista no assunto era um humilde irmão leigo da Congregação dos Assuncionistas, o irmão Jules Pector,

---

<sup>22</sup> O curso foi ministrado em fevereiro de 2020 pela autora deste texto e pela mestranda do Programa de Filologia e Língua Portuguesa da USP Ana Carolina Estremadoiro Prudente do Amaral. Nesse curso, além das penas metálicas e da pena digital, foram utilizadas também penas de ganso.

<sup>23</sup> A marca e o modelo da mesa digital utilizada na oportunidade é Wacom Intuos Creative Pro Tablet, modelo CTL 4100.

‘quem, – cito a introdução aos oito volumes das obras completas de Scholarios – sem nunca ter estudado a língua de Homero e Demosténes, chegou, sob a direção [de Louis Petit], a decifrar a fina cursiva de Scholarios com mais segurança do que um erudito helenista’. Jules Pector foi, se quisermos, o paleógrafo mecânico ou o encanador das mãos douradas, capaz de consertar motores e tubulações sem saber por que e como ele conseguia fazer isso.

Ilustra-se claramente, como adverte o autor, um caso limite. No entanto, continua Canart (2006), não é raro que paleógrafos sejam capazes de decifrar e datar um tipo de escrita sem conseguir expor de maneira clara e objetiva os critérios que os levaram a tal avaliação. Assim, não é incomum que as descobertas feitas por nós, paleógrafos, sejam difíceis de justificar e de comunicar. A exposição clara e precisa de critérios paleográficos depende justamente de um estudo minucioso e sistemático sobre a escritura de determinado período e de determinado local – tanto geográfico quanto institucional. Nesse sentido, os estudos paleográficos sobre os manuscritos lavrados no período colonial urgem uma ampla sistematização de modo que possamos construir conjuntamente uma história social da escrita na América Portuguesa, que já começa a ser contada<sup>24</sup>.

Ainda no âmbito da Paleografia como arte, Canart (2006) aproxima o ouvido musical do que ele denomina de ‘olho paleográfico’. A aproximação se justifica pelo fato de, segundo o autor, ambos serem dons inatos e poderem ser afinados e aperfeiçoados pela prática. A seguir, afirma que o ‘olho paleográfico’ é de natureza intuitiva e sintética, listando algumas acepções de “intuição”, que se ligariam ao sentido por ele pretendido. Destaquem-se as acepções “B. Visão direta e imediata de um objeto de pensamento atualmente presente na mente e apreendido em sua realidade individual” e “E. Segurança e rapidez de julgamento; adivinhação instintiva” (LALANDE, 1947, p. 522-525 *apud* CANART, 2006, p. 166, tradução nossa).

A par de notarmos em nossas salas de aula de ensino regular e em nossas oficinas de Paleografia que há estudantes com uma facilidade inicial maior na apreensão e decifração dos signos gráficos de manuscritos medievais e modernos, não se pode atribuir a ‘dons inatos’ essa capacidade. A desconstrução dessa visão do senso comum, e mesmo

---

<sup>24</sup> Cabe destaque a belíssima pesquisa de Ana Sartori Gandra descrita em GANDRA, 2017 e 2018.

de acadêmicos, sobre a existência de um talento inato ou de uma predestinação é fundamental. Conforme Fucci Amato (2008, p. 81), essa visão

[...] gera uma certa desvalorização do fazer artístico, identificando-o como uma atividade mais recreativa, pouco séria, que exige pouco esforço intelectual de seu praticante, que já teria nascido com habilidades inatas para aquela execução. Tal idéia neutraliza a realidade da formação artística, com as incontáveis horas de estudo e pesquisa – teóricos e práticos – às quais este profissional se sujeita.

Assim como no caso da formação artística, a formação em Paleografia também exige ‘incontáveis horas de estudo e pesquisa, teóricos e práticos’. Embora seja possível notar uma certa ‘aptidão’ inicial de alguns estudantes em relação a outros, não podemos nos vincular a uma concepção problemática como a do ‘dom inato’, sob o risco de desvalorizarmos o próprio fazer científico-artístico da Paleografia. Além disso, devemos considerar a familiaridade com a escrita manuscrita e sua consequente facilidade inicial de decifração frutos de uma convivência estreita com espaços de circulação desse tipo de escrita, dos quais a escola é um grande exemplo. Ou seja, trata-se de um saber socialmente adquirido e não de uma predestinação. Seria interessante fazer uma investigação com esses discentes que apresentam maior facilidade inicial na leitura e na decifração de documentos de modo a identificar possíveis razões para essa maior habilidade<sup>25</sup>.

A insistência, que prevalece até hoje, em talentos individuais filia-se à concepção puritana, segundo a qual “Deus dotou o ‘homem’ de dons especiais que o fazem apto para uma vocação particular” (FEDERICI, 2017, p. 250).

Dessa forma, discordamos da perspectiva de Canart (2006) sobre o suposto ‘olho paleográfico’. No entanto, tal perspectiva pode ser entendida à luz do que nos lembra Elias (1999 *apud* FUCCI AMATO, 2008): a tradição intelectual europeia costuma opor a genialidade à humanidade, expressando assim uma desumanidade.

No sentido de arte como *savoir-faire*, concordamos com o estatuto artístico conferido à Paleografia.

---

<sup>25</sup> Para uma discussão interessante, sob a perspectiva sociológica, a respeito do papel desempenhado pelo capital cultural na formação de músicos brasileiros, consultar o artigo de Fucci Amato (2008). No texto, oferece-se uma reflexão crítica à noção de talento musical inato.

## A PALEOGRAFIA COMO CIÊNCIA

A Paleografia Científica, como denominam Martínez (1988) e Sáez e Castillo (2004), ainda que se referindo a momentos distintos da história da disciplina – o primeiro à segunda metade do século XVIII e os segundos ao fim do século XIX –, é resultado da evolução das sistematizações e dos métodos propostos nas obras setecentistas e oitocentistas sobre o tema. Como já vimos, também exerceram importante papel na abordagem científica da Paleografia as sociedades e as instituições para a pesquisa histórica, que, durante os oitocentos e parte dos novecentos, concentravam-se na crítica de fontes. A correta leitura e interpretação dos documentos, bem como a tentativa de datá-los e localizá-los, esteve no cerne da pesquisa histórica, contribuindo para a evolução do fazer científico da Paleografia.

Canart (2006) defende o estatuto científico da Paleografia, conferindo especial ênfase às relevantes proposições teóricas dos paleógrafos latinos<sup>26</sup>. Longe de questionar a perspectiva científica da Paleografia, o paleógrafo formula a questão nos seguintes termos: que tipo de ciência, qual é o objeto e quais são os métodos e as explicações oferecidos pela Paleografia?

Segundo o autor, a Paleografia tem como objeto o estudo de um sistema de signos permanentes e de suas realizações concretas; sistema pelo qual o homem comunica seu pensamento. Obviamente, a Paleografia atende aos requisitos mais rudimentares que caracterizam uma ciência. A seguir, reproduzimos (e traduzimos) três dessas características centrais, sublinhadas por Canart (2006, p. 164):

1º A ciência é um conjunto de conhecimentos organizados; na diversidade praticamente infinita de fatos, ela escolhe, ordena, sistematiza.

2º A ciência deve definir um objeto e uma finalidade precisos, e elaborar um método refletido e justificado. Em particular, a ciência visa explicar, qualquer que seja o sentido tomado da palavra 'explicar'.

3º A ciência tem um valor universal – ao menos para nós, da espécie *homo sapiens sapiens* – uma vez que ela se apoia sobre constatações e relações verificáveis e comunicáveis.

---

<sup>26</sup> A expressão 'paleógrafo latino' faz referência àqueles que se dedicaram aos estudos de Paleografia Latina a partir do século XVIII.

O que se pretende questionar, no fundo, quando se formula a pergunta “A Paleografia é uma ciência?” é a sua autonomia, que deveria ser *conditio sine qua non* para que qualquer ciência fosse considerada como tal. A questão se associa, portanto, ao estatuto de ‘ciência auxiliar’, que acompanhou a Paleografia desde o seu surgimento e, é fundamental destacar, até os dias de hoje. Assim, a tentativa da reflexão proposta neste texto, assim como a de Canart (2006) e de outros tantos paleógrafos, encaminha-se no sentido de abolir esse incômodo adjetivo que insiste em acompanhar essa área de estudos.

Ressalte-se que a expressão ‘ciência auxiliar’, como nos lembra Masai (1950 *apud* CANART, 2006, p. 165, tradução nossa), é uma contradição terminológica, já que

[...] [t]oda ciência digna deste nome é autônoma, tem seu próprio objeto, sua finalidade interna, seu método. Ela *pode* servir de auxiliar a uma outra ciência, fornecendo-lhe resultados ou uma técnica. Porém isso é uma verdade em potencial para toda ciência: a matemática é abundantemente utilizada em física e em astronomia; isso não a impede de ser uma ciência autônoma [...].

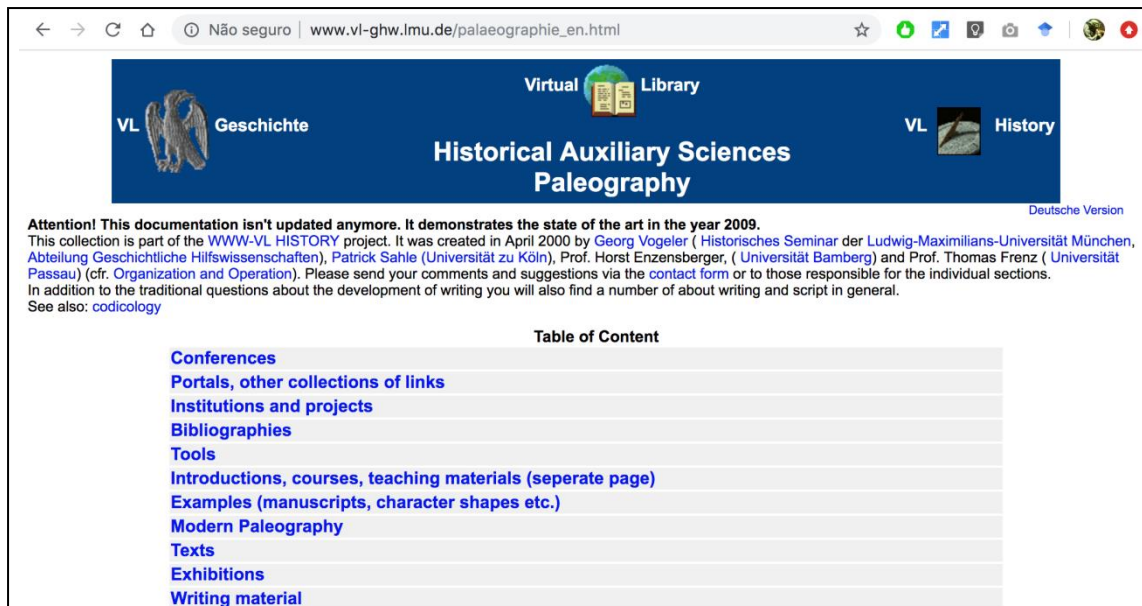
Vimos que, no *período de formação*, a Paleografia surge como auxiliar da Diplomática e da Historiografia, na medida em que é instrumento para se chegar a determinadas constatações que pertencem aos domínios diplomáticos e históricos. Com o amplo desenvolvimento dos métodos e da sistematização dos estudos paleográficos, a que assiste os séculos XVIII e XIX, a Paleografia vai se constituindo como ciência propriamente dita. Porém, a velocidade de sua expansão entre as áreas acadêmicas mais consolidadas e tradicionais, tanto na Europa quanto no Brasil, parece não acompanhar seu legítimo estatuto de autonomia e independência.

Segundo Sáez e Castillo (2004, p. 27), sobre o *período de renovação*,

[...] a paleografia deixa de ser o estudo descontextualizado dos tipos de escritura e passa a definir-se em virtude da consideração do feito escrito como um produto sociocultural cujo estudo e interpretação provém de um conhecimento mais rico do passado e do presente.

Mesmo que a Paleografia tenha se alçado ao lugar de ciência há mais de 100 anos, como o excerto acima explicita, ainda se encontram exemplos como o seguinte:

Figura 2 – Reprodução de página do *website* do Projeto *Virtual Library – History*, mantido por universidades alemãs



Fonte: Vogeler *et al.* (2009).

Além de ser tratada como ciência auxiliar, a Paleografia é colocada como ciência auxiliar de uma disciplina específica, a História. Estatuto idêntico é atribuído, no mesmo *website*, à Codicologia, Epigrafia, Diplomática, dentre outras.

Sobre a filiação da Paleografia à História, nos Anais do I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior, ocorrido em Marília, em 1961, lê-se:

Entre as técnicas que são chamadas **auxiliares** e que devem ser realmente distinguidas das que poderão ser chamadas **complementares**, conforme acima estabelecemos, é preciso salientar as que, **servindo** à História, à mesma estando diretamente ligadas, como a Paleografia, a Diplomática, a Numismática, a Arqueologia e o Estudo dos Arquivos, merecem exame especial.

Entre as que são complementares, mais importantes, a equipe salientou a importância da História da Arte, História das Idéias Políticas, História das Doutrinas Econômicas, Teorias da História, Sociologia, Estética, História da Filosofia, História do Pensamento Científico e História das Religiões. (HOLLANDA, 1962, p. 145, grifos nossos)

Ainda que se faça uma ressalva preliminar nos *Anais* sobre a inconveniência das expressões ‘matérias auxiliares e matérias complementares’ de História, rebaixa-se a



Paleografia à condição de mera ‘técnica auxiliar’<sup>27</sup>. Convém lembrar que no Departamento de História da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP, havia desde o começo da década de 60 um curso optativo nas áreas de Metodologia e Teoria da História e Paleografia, a cargo inicialmente do professor Yves Bruand, diplomado pela *École de Chartes* (ZANINI, 1994).

Dos anos 60 até o fim do século XX, tal condição ‘auxiliar’ parece não ter se alterado tanto. A obra de Acioli (1994, p. 6), por exemplo, bastante referendada por pesquisadores da área, traz a Paleografia e outras ciências afins como ‘auxiliares da História’: “Além da Paleografia, outras ciências que têm como fundamento o documento e a escrita também auxiliam a História. São elas: Epigrafia [...]. Numismática [...]. Sigilografia [...]. Diplomática [...]”.

Seu lugar de auxiliaridade, que a afasta da autonomia conferida a toda ciência, deve-se também a seu caráter essencialmente interdisciplinar, na medida em que dialoga com várias outras ciências: a História, a Crítica Textual, a Arquivologia, a Linguística, para citarmos apenas algumas. Na esteira da interdisciplinaridade, é louvável, por exemplo, a iniciativa dos discentes do curso de História da UFMG, que fundaram em 2012 a *Oficina de Paleografia – UFMG*. Segundo seu *website*<sup>28</sup>, seu objetivo é

[...] reunir subsídios para a leitura de fontes manuscritas pertinentes à História luso-brasileira. [...] consolidar um espaço permanente de estudo, discussão, exercício e troca de experiências no trabalho em arquivos e na leitura e transcrição dessas fontes. (OFICINA, 2020)

A Paleografia talvez possa se beneficiar do amplo desenvolvimento das pesquisas na área da Paleografia Digital, que já desempenham um papel considerável em sua legitimação e em seu reconhecimento como ciência ‘autônoma’. Reproduz-se, a seguir,

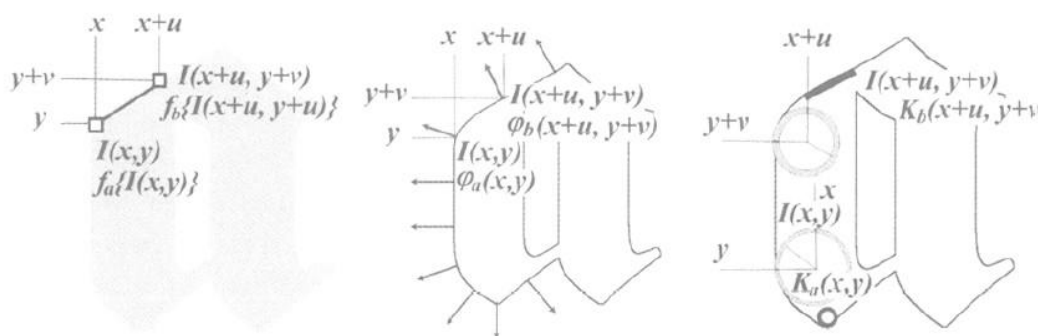
---

<sup>27</sup> Ainda que o Prof. Román Blanco, que esteve à frente da cadeira de Paleografia do curso de História da USP por muitos anos, concordasse que a Paleografia fosse indispensável à formação do pesquisador e do professor, não se nota uma defesa de sua autonomia (HOLLANDA, 1962, p. 152). Sobre Román Blanco ver Puntoni (2004), que acertadamente critica seus ‘arroubos patrioteiros’ em sua defesa das bandeiras como uma genial e extraordinária organização bélico-militar. O lugar titubeante da Paleografia no curso de História da USP deve-se, em certa medida, à identificação da disciplina com o catedrático em questão.

<sup>28</sup> O endereço do *website* da Oficina de Paleografia – UFMG é [https://www.facebook.com/pg/oficinadepaleografia/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/oficinadepaleografia/about/?ref=page_internal) e seu Instagram é @oficinadepaleografia.

uma figura extraída do artigo de Le Bourgeois e Moalla (2011), em que se ilustram a dependência espacial entre duas características quaisquer  $f_a$  e  $f_b$ , a comparação das orientações locais  $\varphi$  e a comparação das curvaturas locais  $k$ .

Figura 3 – FFCL: Dependência espacial entre  $f_a$  e  $f_b$



Fonte: Le Bourgeois; Moalla (2011, p. 78).

Aliás, no referido artigo, expõe-se a intensa e rica colaboração entre paleógrafos e cientistas da computação. Cite-se, por exemplo, a submissão dos dados gerados por computador sobre os signos gráficos medievais à avaliação e à interpretação dos especialistas (paleógrafos). Ou seja, enfatiza-se o aspecto colaborativo e complementar das teorias e das metodologias científicas, provenientes das áreas das Humanidades e das Ciências da Computação.

Não se trata, portanto, da substituição de um método por outro, mais inovador e tecnológico, mas sim do profícuo diálogo entre tradição e inovação, palavras-chave que, aliás, marcam a pesquisa em Crítica Textual, área afim à Paleografia.

## PALAVRAS FINAIS

O primeiro objetivo deste texto foi o de expor uma proposta de periodização quadripartida da história da Paleografia, dividida em: *pré-história da Paleografia*, *período de formação*, *período de desenvolvimento* e *período de renovação*. Até onde sabemos, tal periodização não foi abordada de forma sistemática pela literatura nacional sobre o tema, daí a necessidade de sua publicação. Consideramos que tal proposta está em consonância

com a historiografia paleográfica internacional e configura-se como bastante adequada e minuciosa na medida em que delimita seus marcos temporais de forma clara.

Com a breve reflexão acerca do estatuto ao mesmo tempo científico e artístico conferido à Paleografia, pretendemos ter esclarecido as razões para essa aparente dicotomia. Cabe destaque seu alçamento à condição de ciência autônoma e o fato de ser dotada de certa plasticidade, o que lhe confere um caráter imensamente interdisciplinar. O deslocamento da ‘auxiliaridade’ à ‘interdisciplinaridade’, que seria também inerente à Paleografia, é um movimento necessário em direção à sua condição de autonomia. Enquanto tal permite que sustente como arcabouço teórico central pesquisas que pretendam, por exemplo, investigar a fundo e com propriedade a história da cultura escrita na América Portuguesa.

Uma inevitável constatação do caráter autônomo da ciência paleográfica é a realização desta segunda edição do Seminário Nacional de Paleografia. Conclui-se, portanto, que o deslocamento de sua histórica condição de ‘auxiliar’ ao ponto do reconhecimento de sua imensa capacidade de ser interdisciplinar garante a constante e a necessária liberdade de movimento da Paleografia entre a arte e a ciência.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil colônia**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1994.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2008.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANART, Paul. La paléographie est-elle un art ou une science?. *In: Scriptorium*, Tome 60, n. 2, 2006. p. 159-185. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/scrip.2006.3939>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CENTRO de Linguística da Universidade de Lisboa – CLUL (ed.). **P.S. Post Scriptum**. Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna. 2014. Disponível em: <http://ps.clul.ul.pt>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CONTRERAS, Luis Núñez. **Manual de paleografía**. Madrid: Cátedra, 1994.

DELUMEAU, Jean. Dom Mabillon, le plus savant homme du royaume. *In: Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 151<sup>e</sup> année, n. 4, 2007. p. 1597-1604. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/crai.2007.91566>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FIORMONTE, Domenico; NUMERICO, Teresa; TOMASI, Francesca. **The Digital Humanist: a Critical Inquiry**. New York: Punctum Books, 2015.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Capital cultural versus dom inato: questionando sociologicamente a trajetória musical de compositores e intérpretes brasileiros. **Opus**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 79-97, jun. 2008.

GANDRA, Ana Sartori. Níveis de execução gráfica no Brasil quinhentista: uma análise da morfologia das assinaturas deixadas nos livros da Inquisição. *In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (org.). Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2018.

GOMES, Saul António. Paleografia: passado e presente. *In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (org.). Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória e Arte, 2018.

HOLLANDA, Guy de *et al.* Simpósio de professores de história do ensino superior, 1., 1961, Marília. *In: SIMPÓSIO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA DO ENSINO SUPERIOR*, 1961. **Anais [...]**, 1., São Paulo: FFCL-USP, 1962. Disponível em: <https://anpuh.org.br/images/anais-simposios/pdf/S01.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2020.

LE BOURGEOIS, Frank; MOALLA, Ikram. Caractérisation des écritures médiévales par des méthodes statistiques basées sur les cooccurrences. *In: Gazette du livre médiéval*, n. 56-57. 2011. Analyse d'images et paléographie systématique. *L'écriture entre histoire et science*. p. 72-100. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/galim.2011.1983> Acesso em: 23 maio 2020.

MABILLON, Jean. **De Re Diplomatica** Libri VI In Quibus Quidquid Ad Veterum Instrumentorum antiquitatem, materiam, scripturam, & stilum, quidquid ad sigilla, monogrammata, subscriptiones, ac notas chronologicas, quidquid inde ad antiquariam, historicam, forensemque disciplinam pertinet, explicatur & illustratur: accedunt commentarius de antiquis regum Francorum palatiis: veterum scripturarum varia specimina, tabulis LX comprehensa. Nova ducentorum, & amplius, monumentorum collectio. Luteciae Parisiorum: sumtibus Ludoville Billaine, 1681. Disponível em: <http://www.starodruki.ihuw.pl/stWeb/single/210/>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MALLON, Jean; MARICHAL, Robert; PERRAT, Charles. **L'écriture latine de la capitale romaine à la minuscule**. Paris: Arts et Métiers Graphique, 1939.

MALLON, Jean. **Paléographie Romaine**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Antonio de Nebrija de Filología, 1952. (Scripturae. Monumenta et Studia, III)

MARTÍNEZ, Tomás Marín *et al.* (dir.). **Paleografía y diplomática**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1988. v. 1.

MONTFAUCON, Bernard de. **Palæographia Græca** sive de ortu et progressu literarum græcarum, et de variis omnium sæculorum Scriptionis Græcæ generibus: itemque de Abbreviationibus & de Notis variarum Artium ac Disciplinarum. Parisiis: L. Guérin, J. Boudot e C. Robustel, 1708. Disponível em:  
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1041709q/f7.image>. Acesso em: 20 maio 2020.

OFICINA de Paleografia – UFMG. **Website da Oficina de Paleografia – UFMG**. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/oficinadepaleografia/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/oficinadepaleografia/about/?ref=page_internal). Acesso em: 20 maio 2020.

PAPENBROECK, Daniel van. *Propylæum Antiquarium circa Veri ac Falsi Discrimen in Vetustis Membranis*. In: HENSCHENS, Godfrey; PAPENBROECK, Daniel. **Acta Sanctorum Aprilis**, 3 v. Antuérpia: 1675, II, p. 1-3.

PUNTONI, Pedro. A arte da guerra no Brasil: tecnologia e estratégia militares na expansão da fronteira da América Portuguesa (1550-1700). In: CASTRO, C.; IZECKSOHN, V.; KRAAY, H. (org.) **Nova história militar brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SÁEZ, Carlos; CASTILLO, Antonio. Paleografía e Historia de la Cultura Escrita: del signo a lo escrito. In: RIESCO TERRERO, A. (ed.). **Introducción a la Paleografía y la Diplomática General**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004. p. 21-31.

SARTORI, Ana. Níveis de execução gráfica e alfabetismo no Brasil quinhentista. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 61-81, 2017. Disponível em:  
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/11912/10964>. Acesso em: 26 maio 2020.

TOUSTAIN, Charles François; TASSIN, René Prosper. **Nouveau traité de diplomatique**, où l'on examine les fondemens de cet art: on établit des regles sur le discernement des titres, et l'on expose historiquement les caractères des bulles pontificales et des diplomes Donnés en chaque siècle: avec des éclaircissemens sur un nombre considerable de points d'Histoire, de Chronologie, de Critique & de Discipline; & la Réfutation de diverses accusations intentées

contre beaucoup d'Archives célèbres, & sur tout contre celles des anciennes Eglises. Paris: Guillaume Desprez e Pierre-Guillaume Cavelier, 1750.

VOGELER, G. *et al.* **Website Virtual Library – History**. 2009. Disponível em: [http://www.vl-ghw.lmu.de/palaeographie\\_en.html](http://www.vl-ghw.lmu.de/palaeographie_en.html). Acesso em: 23 maio 2020.

WATTENBACH, Wilhelm. **Anleitung zur Lateinischen Paläographie**. Leipzig: Verlag Von S. Hirzel, 1869. Disponível em: [https://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs3/object/display/bsb10359228\\_00005.html](https://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs3/object/display/bsb10359228_00005.html). Acesso em: 26 maio 2020.

WATTENBACH, Wilhelm. **Das Schriftwesen im Mittelalter**. Leipzig: Verlag Von S. Hirzel, 1871.

ZANINI, Walter. Arte e História da arte. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 487-489, dez. 1994. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000300070&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300070&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 maio 2020.